



NOTA DE PESQUISA

KALUNGA, UMA COMUNIDADE TRADICIONAL NO CERRADO
GOIANO: relatos de viagens.¹

*KALUNGA, A TRADITIONAL POPULATION IN THE CERRADO OF
GOIÁS: current situation.*

*KALUNGA, UNA COMUNIDAD TRADICIONAL EN EL CERRADO
GOIANO: relatos de viajes.*

Wilma Melhorim Amorim

Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Geografia – IESA-UFG
Universidade Federal de Goiás (UFG)
wilmamelhorim@hotmail.com
End.: UFG-Campus Samambaia – Caixa Postal 131

Resumo

Este artigo tem como principal propósito discutir as relações que as populações tradicionais, no caso específico as comunidades kalunga, estabelecem entre si, com seu território e as estratégias de sobrevivência que regulamentam suas vidas. Procura-se reconstruir sua trajetória histórica, considerando a dimensão de seus conhecimentos tradicionais, bem como a atual significação de seus saberes na relação com a biodiversidade do cerrado no nordeste goiano. Busca-se, ainda, entender o modo pelo qual o capitalismo vem redimensionando a forma de apropriação e uso dos ditos recursos com propósitos mercadológicos. Para tanto, a eminência da biotecnologia moderna aparece como fator decisivo para revalorização do capital ambiental. A problemática tratada teve como suporte viagens exploratórias realizadas ao local de estudo.

Palavras-chave: populações tradicionais, biodiversidade, Kalunga, Cerrado.

¹ Esta nota é resultado de pesquisa para o projeto: Apropriação do território e Dinâmicas Sócio Ambientais no Cerrado: biodiversidade, biotecnologia e saberes locais. Apoio da Universidade Federal de Goiás-UFG/ Instituto de Estudo Sócio ambientais, CNPq e IRD-França-2008-2010



Abstract

The main purpose of this paper is to discuss the relationships that the traditional populations, specially the Kalunga community, have established among themselves, their territory and the survival strategies that govern their lives. It seeks to recreate their historical path by taking into consideration the dimension of their traditional knowledge and to reframe their current knowledge related to the cerrado biodiversity in the northeast of Goiás. The aim is also to understand how the capitalist way of production has resized their form of appropriation and use of such resources for marketing purposes. Therefore, the eminence of modern biotechnology appears as a decisive factor for environmental capital appreciation. The issue at hand was supported by exploratory field work in the place of study.

Key Words: Traditional populations, biodiversity, Kalunga, Cerrado.

Resumen

Este trabajo tiene como principal objetivo discutir las relaciones que las poblaciones tradicionales, sobretudo las comunidades Kalunga, establecen entre sí con su territorio y con las estrategias de supervivencia que rigen sus vidas. Este estudio busca reconstruir su trayectoria histórica, considerando la dimensión de sus conocimientos tradicionales, así como reestructurar sus conocimientos actuales relacionados con la biodiversidad del cerrado en el nordeste de Goiás. El objetivo es también comprender la forma por la cual el modo de producción capitalista ha redimensionado el uso y la apropiación de esos recursos para fines de marketing. Por lo tanto, la eminencia de la biotecnología moderna aparece como un factor decisivo para la revaloración del capital ambiental. La problemática abordada se apoya en exploraciones realizadas en el trabajo de campo.

Palabras clave: poblaciones tradicionales, la biodiversidad, Kalunga, Cerrado.

Introdução

Essa pesquisa tem como foco as comunidades Kalunga que a centenas de anos habitam regiões de Cerrado no nordeste goiano. De acordo com o que entendemos, os Kalunga se encontram em situação similar à das populações tidas como tradicionais em virtude das relações historicamente estabelecidas com seu lugar de vivência, suas heranças culturais, suas idéias de pertencimento, sua ligação com um passado ancestral, mas, também, pela exclusão e pela situação marginal em que vivem, levados pela sua fragilidade social e territorial, razão pela qual as denominaremos populações tradicionais em território precário. Para nós, estas populações tradicionais, que habitam o cerrado goiano, interiorizam o espaço e a natureza integrando-os ao seu sistema cultural.



Nossas referências se baseiam em duas viagens exploratórias que fizemos a três povoados Kalunga dos muitos existentes na região.

O meio físico nos deu subsídios para que, através da observação *in loco*, pudéssemos descrever a beleza cênica do lugar, enquanto a pesquisa qualitativa nos possibilitou compreender alguns dos vários aspectos da cultura Kalunga relacionados à constituição de sua identidade. As entrevistas, a comunicação oral, assim como o que foi captado nas entrelinhas das conversas e a observação criteriosa do entorno nos permitiram montar o arcabouço deste trabalho.

Buscamos compreender o Cerrado e sua gente pelo âmbito da geografia cultural, para tanto nos baseamos nas concepções de Claval (1997, p.89), que a concebe como estando associada à “experiência que o homem tem da terra, da natureza e do ambiente”.

Acreditamos que uma visão fenomenológica nos possibilitou uma maior imersão no cotidiano construído sobre o mundo vivido desse grupo de pessoas, permitindo irmos para além das aparências além de contar com a possibilidade de enriquecermos nossa narrativa com a descrição paisagística necessária a um ambiente com tamanha diversidade natural e cultural. Nesta perspectiva, autores como Buttimer (1994) e Nogué i Font (1992) se apresentam como referências básicas. Buscamos, neste último autor, subsídios para direcionarmos nossas entrevistas, considerando que, para ele: “La entrevista debe ser libre, informal, espontánea, sin limitaciones de tiempo ni temas, al ritmo de la persona entrevistada y, a ser posible, em su próprio médio, rodeado del paisaje que normalmente contempla”(NOGUÉ i FONT,1992, p.90).

Contexto Histórico e Espacial dos Kalunga: um território tradicional

A comunidade Kalunga, de acordo com Marinho (2008), encontra-se dividida em quatro núcleos principais, a maioria deles abrigando vários povoados: Ribeirão dos Bois, Vão do Moleque, Vão de Almas e Engenho II, este último mais urbanizado, mais próximo à área urbana e de melhor acesso. Os núcleos citados, com exceção do Ribeirão dos Bois, foram abordados por nós neste trabalho.

Neste contexto, iniciamos as nossas viagens ao território Kalunga começando pela comunidade do Engenho II, a seguir para o Vão de Almas e por último Vão do



Moleque.(ver artigo de ALMEIDA - 2010, na edição da revista deste número, mapa de localização da Comunidade Kalunga).

Visita ao Engenho II

Os caminhos por nós percorridos rumo à região dos Kalunga revelaram uma visão paisagística que nos impressionou pela beleza. Em nosso trajeto para o Engenho II, o cerrado foi se mostrando em suas mais variadas formas: Cerrado *stricto sensu*; cerradinho; campo – rupestre; veredas; cerradões e matas galerias. Este mosaico de vegetação cobrindo serras, morros e vales a perder de vista foi o que presenciamos por quase todo o trajeto. As cachoeiras que despencam morro abaixo, mergulhando nas profundezas dos grotões sem fim, são imagens do mais puro encantamento. Ao longo destas estradas, as rugosidades do tempo impressas na paisagem nos remetem aos séculos XVII- XVIII, nos levando a imaginar a época em que homens, como bandeirantes da cepa de Bartolomeu Bueno, tropeiros, mascates e escravos cortavam estas mesmas paragens embalados pelo tanger do gado, pelo comércio incipiente, pelo desejo do ouro ou pela busca da liberdade. Assim, esses homens, portando, seus medos, suas esperanças, seus sonhos e sua coragem foram povoando esses rincões.

Em nossas viagens rumo aos territórios Kalunga tivemos que romper estradas estreitas e de difícil acesso. Foi enfrentando chuvas que chegamos à comunidade de nome Engenho II. Nossa guia, uma jovem Kalunga, foi quem nos orientou nas travessias de riachos transbordantes e nos indicou o caminho para nosso destino.

Ao chegamos, fomos ao encontro de nosso anfitrião. Em sua casa simples, situada de costas para um morro coberto por uma vegetação rupestre, ele nos aguardava. Convidou-nos a entrar em sua morada sentar em sua mesa e ouvir suas histórias. Recebeu-nos com simpatia e, gentilmente, forneceu respostas para nossas indagações.

A casa, uma construção antiga com paredes de adobe rebocadas com cimento, areia e terra do local fora coberta por telhas comuns tendo, parte delas, aspecto enegrecido pela fumaça do fogão de lenha nos longos anos de uso. Uma pequena varanda, sustentada por pilares de madeira, sombreava o local.



Havia alguns bancos de estilo rústico onde, durante nossa visita, uma velha senhora permaneceu sentada, quieta, com o olhar distante, alheia a tudo que acontecia a sua volta, parecendo mal suportar o peso dos anos. As paredes internas da residência, de cor indefinida, foram decoradas com fotografias de familiares, folhinhas de temáticas religiosas, propagandas de eventos festivos e cartazes trazendo notícias da passagem pelo local do presidente da república Luis Inácio da Silva.

O casamento entre o tradicional e o moderno era flagrante, fato que pudemos notar nos ambientes da casa: o café feito, à moda antiga, no fogão a lenha e passado em coador de pano, nos foi servido em copinhos de plástico descartáveis; o relógio de parede vindo do Paraguai dividia espaço com uma pasta artesanal, um tipo de mochila, feita em madeira maciça, testemunho tempos longínquos. Ainda no interior da sala, onde quase tudo aparecia coberto por uma fina camada de poeira esbranquiçada, era possível perceber que o antigo representado pelas cadeiras e mesa de madeira escura contrastava-se com objetos modernos, como balcões e vitrines próprios para funcionamento de um bar, fato que nos faz acreditar ter havido ali uma intenção mais efetiva de comércio. Ainda no local, em meio a uma conversa esclarecedora, vimos e adquirimos alguns doces, frutas desidratadas e peças de artesanato confeccionadas por eles.

As instalações que compõem o espaço ocupado por essa comunidade contam com aproximadamente 30 construções de alvenaria e outras mais de adobe, cobertas ou não por telhados de palhas. A escola da comunidade, situada na parte central desse espaço, é um exemplo de construção moderna. Existem ali, também, alguns galpões de alvenaria, herança do programa governamental “Luz para Todos”, que permanecem no local oferecendo a oportunidade de multiusos para a população.

Um tema importante recorrente no lugar diz respeito à polêmica instalada em torno da construção de uma usina Hidrelétrica na região. Um senhor, liderança Kalunga na região, disse ser favorável à instalação da usina, acreditando não haver riscos de danos ambientais e sociais advindos de tal empreendimento. Ele acha apenas que é preciso aprofundar a discussão para que a comunidade obtenha maiores benefícios, além dos já oferecidos pela empresa construtora. Vale lembrar que não existe unanimidade em torno da questão.



De modo geral, os habitantes da comunidade acreditam que a visita de nosso presidente da República ao local rendeu bons dividendos quais sejam: o incremento no turismo local, a melhoria da infra-estrutura, como a construção de pelo menos 164 casas de alvenaria com recursos da Caixa Econômica Federal nestes três municípios, abordados por nós, que abrigam os Kalunga.

Visita ao Vão de Almas

Ao deixarmos o Engenho II, partimos em direção à comunidade Kalunga conhecida por “Vão de Almas”. No trajeto, diante de uma paisagem rústica quase agressiva, surpresas, sustos e encantamentos se sucederam. Novamente, foram os aspectos geográficos os que mais nos impressionaram. Trafegamos por estradas de chão estreitas e pedregosas, não raro margeadas por escavações profundas fruto de um constante processo erosivo. Mas a paisagem que contemplamos era de uma rara beleza: vales profundos, serras e morros cobertos por uma vegetação rarefeita deixavam à mostra o afloramento da rocha matriz com suas escarpas limitando o horizonte. É comum encontrar nessas formações rochosas as mais diversas representações esculturais. Um exemplo emblemático disso é o morro do “Dedo do Moleque”, que nos remete à idéia de uma mão fechada com o dedo indicador em riste apontando para o céu azul como querendo mostrar que tanta beleza é obra exclusiva do criador. Na fitofisionomia, além de matas, predominam vegetações herbáceas arbustivas com eventuais árvores de pequeno porte, compondo um grande mosaico onde alternam e mesclam-se às fisionomias diversas do cerrado.

Ao nos aproximarmos de nosso destino, o que notamos não foram as amplitudes dos planaltos, às vezes tão comuns nas paisagens cerradeiras, mas sim as verticalidades das escarpas que vão morrer em depressões profundas cobertas pelas tortuosidades das árvores, sempre verdes independente das estações do ano. Nos fundos de vales, povoando os lugares mais úmidos, a beleza estética das árvores retorcidas compete com as palmeiras e buritizais que, do alto da imponência de seus troncos eretos, exibem cachos repletos de frutos amarronzados, promessas de alimentação para homens e animais.



Então, voltamos no tempo e indagamos ao pensamento: seria essa paisagem a mesma visualizada pelos aventureiros que por ali transitaram nos séculos XVII- XVIII? Se assim foi, que sentimentos invadiriam esses homens ao contemplarem essa imensidão de beleza e diversidade? Ao olharmos esse conjunto paisagístico, seu aspecto preservado nos faz pensar que pouco ou nada mudou ali, no decorrer dos séculos. Mas o olhar do viajante, na sua árdua tarefa, já tão acostumado a este espetáculo paisagístico, talvez não comungasse com a emoção que sentimos ao contemplá-lo.

Neste exercício de contemplação, e se quisermos dar asas à imaginação, podemos pensar quanto ainda de plantas, flores e animais, além daqueles que nos foram mostrados, habitam estes ermos onde a vida acontece de forma tão exuberante? Ao final deste difícil e fabuloso percurso, chegamos ao povoado Kalunga de nome “Vão de Almas”. O lugar apresenta-se de forma pitoresca com seus casebres humildes onde, não raro, os cuidados dos moradores se revelam em seus jardins, onde plantas diversas ornaram portas e janelas, conferindo à moradia *o status* de lar.

O espaço onde se materializa a casa principal é, na maioria das vezes, ladeado por outras pequenas construções, singelas, destinadas a afazeres diversos, como é o caso do estábulo para animais, a usina de farinha, a pequena moenda de cana, os galinheiros e até mesmo forno de barro destinado à preparação de alimentos. As residências ficam em localizações bem distantes, de modo que o uso de cavalos e mulas se torna necessário para se transitar de um lugar a outro. São também estes animais que durante séculos serviram para carregar mercadorias como a farinha de mandioca, tanger gado, visitar parentes ou prestar assistência aos enfermos.

Moradores afirmam que no passado teria sido bem pior, já que tinham que transportar doentes em redes suspensas por um resistente bastão de madeira em uma longa e dolorosa busca por recursos médicos. Empreendiam, assim, uma jornada que sacrificava enormemente os enfermos e aqueles que os conduziam cumprindo uma longa “via-sacra” que, muitas vezes, terminava em uma tragédia que punha fim à esperança de salvar a vida de entes queridos.

Coerente com a paisagem descrita, visitamos a residência de um morador local. Este gentil senhor nos cedeu sua morada e demais condições para a preparação de nossa



refeição. Ao sair de sua casa, percorremos, mais ou menos, três km até chegarmos à escola local, onde encontramos um grupo de jipeiros evangélicos, intitulados “Organização de Jipeiros de Cristo” que, como nós, haviam enfrentado grandes dificuldades para chegar ao local. Ali estavam com o intuito de oferecer ajuda à população tão carente de assistência de todo tipo. O lugar desta reunião foi a escola do povoado, estando esta em lamentável estado de conservação com a maior parte da edificação constituída por um rancho de palha guarnecida por um número de carteiras insuficientes para atender a quantidade de alunos matriculados. A poucos metros dali, se encontra a casa de um vereador e líder comunitário local, que se dispôs a conversar conosco.



Figura 2: A imagem retrata o estábulo onde ocorre o manejo de animais. Ao centro, a figura característica de um morador Kalunga.
Fonte: foto tirada por Maria Geralda de Almeida - abril de 2009.

A visita ao local no momento em que os “Jipeiros de Cristo” estavam em atividade nos possibilitou encontrar grande parte da população reunida, fato que muito facilitou o nosso trabalho. Embora reconheçamos que esta abordagem conjunta, de certa forma, interfira na qualidade das entrevistas, a pouca disponibilidade de tempo nos fez achar favorável tal situação. Assim, várias pessoas, em grupo ou pessoalmente, foram por nós entrevistadas. No primeiro caso, em que as questões foram dirigidas ao grupo, foi um morador local, sertanejo típico, com seu jeito educado, sério e falante quem

monopolizou a conversa, contando com a anuência dos demais. Em um segundo momento, nos dividimos e conversamos com outras pessoas escolhidas por nós.

Sobre a construção da, já citada, usina hidrelétrica, as opiniões se encontram divididas. Algumas pessoas são favoráveis a ela, acreditando haver vantagem na instalação, mas a maioria dos moradores locais é contrária à construção. Estes estão temerosos dos danos possíveis advindo deste evento. Várias pessoas alegam preocupação com os recursos hídricos que, segundo elas, vêm sofrendo outros danos já que os esgotos de Cavalcante e Engenho II estão sendo jogados em rios que passam pelo povoado. Outro problema advém de uma criação de búfalos, em uma fazenda próxima, onde se usam venenos para combater pragas que afetam o couro dos animais. Este fato faz com que eles, os búfalos, ao procurarem o rio para se livrarem do incomodo causado pelo produto, contaminem suas águas. Sobre a usina, pensam no risco de se baixar o volume das águas além de afirmarem existir no local um tipo de mineral altamente tóxico que poderá ser liberado, à medida que forem feitas intervenções na formação geológica que abriga este mineral causando danos imprevisíveis.

Em seus quintais, bastante arborizados, possuem plantas como, fumo, algodão, caju, laranja, mandioca, banana, manga etc. As cercas que protegem as casas são de madeira ou arame farpado. São elas que servem de varal para secar a roupa da família, além de protegê-los do assédio do gado.

Um morador do povoado, que nos recebeu em sua casa, é um bom representante do residente local: cuida de uns dez alqueires de chão onde planta arroz, milho, mandioca, gergelim, abóbora, jiló, além de outros produtos. Para tanto, não usa tecnologia moderna nem recebe qualquer assistência técnica. Não pratica correção de solo e usa apenas ferramentas tradicionais, enxadas e machados, como instrumento de trabalho. Também não utiliza qualquer tipo de veneno na lavoura e as sementes para o replantio são aquelas colhidas por eles. Seu cotidiano se resume em levantar bem cedo, cuidar dos animais e ir ao roçado; retorna para o almoço voltando, a seguir, para a roça onde permanece até o final da tarde, vindo novamente para casa a tempo de cuidar das criações antes do cair da noite. Esta labuta cotidiana não difere muito daquela



dos outros moradores locais. Sua vida social inclui visitas regulares a amigos e ajuda às pessoas enfermas.

A forma como essas pessoas se relacionam com seus espaços de vivência, seu jeito específico de dar sentido às suas vidas envolvendo subjetividades, emoções e simbolismos são coerentes com o que Tuan (1983, p.37) chama de lugar, ou seja, “um mundo de significado organizado (...) que começa como espaço indiferenciado, transformando-se em lugar à medida que o conhecemos e o dotamos de valor”. Ao perceber na fala dos moradores o sentimento de enraizamento, companheirismo, afeto e pertencimento fica-nos fácil a compreensão da idéia de lugar.

Visita ao Vão do Moleque

Continuando nossa incursão pelo sertão kalungueiro, fomos em direção a um lugar conhecido por “Vão do Moleque”. No trajeto, a paisagem conseguiu, uma vez mais, nos deslumbrar. O sobe e desce das estradas mal conservadas, muitas vezes ficou despercebido frente à beleza agreste do cerrado na região.

Essas estradas irregulares, quase sempre precárias, rompem subidas abruptas para depois mergulharem em descidas tão íngremes que chegam a nos tirar o fôlego. Lá embaixo, um riacho manso corre lânguido com seus sussurros parecendo recitar poesias. O cenário se completa com a beleza das flores de formatos variados. Essa imensidão de perfumes e cores que nos surpreendem, no entanto não se parecem com os nossos jardins, não possuem monotonia, são imprevisíveis e surgem de repente, embelezando grandes trechos do caminho. Essas flores, às vezes, aparecem em profusão e em outras surgem solitárias exóticas, parecendo impossível estarem ali, exibindo delicadeza e formosura.

Ao chegar a nosso destino, paramos na casa de um morador que, mesmo na ausência da esposa, prazerosamente nos recebeu. Nosso anfitrião, de idade entre cinquenta e sessenta anos, possui características da cor branca, o que não condiz com a situação de descendência escrava exigida para viver nesta comunidade descendentes de negros. Neste caso, foi o casamento com uma mulher afro-descendente que gerou a possibilidade de residir na região e usufruir de políticas destinadas aos remanescentes quilombolas. Sua residência constitui em uma casa de alvenaria construída com

recursos governamentais, como tantas outras feitas em comunidades com estas mesmas características. Composta por dois quartos, sala e cozinha, neste último cômodo, os proprietários mantêm uma espécie de mercadinho onde vendem gêneros alimentícios e artigos de primeira necessidade. A área de serviço possui fogão de lenha e um banheiro guarnecido com materiais de construção simples, mas de estilo atual. Completando e ampliando a moradia, uma área de terra batida e coberta de folhas de palmeiras confere amplidão ao ambiente. Neste recinto externo, é possível ver uma mesa ornada por cadeiras de madeiras, bancos feitos com troncos de paus e, dando um toque de conforto ao lugar, uma rede atada a duas vigas de madeiras de onde, também, pendem vasos com plantas nativas. No terreiro, onde se repete o aspecto rural das demais moradias, são cultivados alguns tipos de pimentas, ervas medicinais, condimentos como salsa e cebolinhas, estes dois últimos, protegidos do apetite das galinhas, foram plantados suspensos em jirais de tábuas. Árvores frutíferas como mamoeiros, limoeiros, cajus e barús sombreiam o lugar.

O anfitrião nos recebeu afetosamente, se mostrando satisfeito com nossa presença. Colaborou com a pesquisa, esclarecendo pontos importantes. O próximo passo dado por nós foi a tentativa de falar com um membro da associação dos Kalunga no local e vereador no município de Cavalcante. Este senhor não se encontrava presente por ocasião de nossa visita, fato que muito nos contrariou.

Ao percorrermos o povoado, nos chamou atenção a arquitetura das moradias que fomos deixando para trás. Estas apresentavam a mesma simplicidade e despojamento daquelas visitadas anteriormente, mas os cercados que as protegiam eram diferentes; feitos com galhos retirados das árvores do cerrado. Suas cascas grossas e troncos retorcidos formavam um emaranhado extremamente rústico e casual, o que dava-lhe um aspecto pitoresco. O conjunto dessas cercas emoldurando as casas ao fundo, lembra-nos as ilustrações de livros de histórias infantis de cunho campestre. À nossa passagem, as pessoas assomavam-se às portas e janelas, as crianças corriam de lado a outro, mal contendo a curiosidade; os cavalos, prontos para serem montados, amarrados às árvores nos quintais, completavam o aspecto rural desse rincão sertanejo.

No final da tarde, empreendemos a viagem de volta. Neste momento, já ao pôr do sol, com o dia morrendo docemente, o lugar parecia diferente: o canto triste dos

pássaros nos despertou um sentimento de melancolia e solidão. A recordação de um passado distante repleto de religiosidade nos fez lembrar que esta é a “Hora da Ave Maria”.

Considerações Finais

As comunidades Kalunga se encontram no limiar entre o moderno e o tradicional. Em seus territórios de vivências, é possível encontrar povoados onde os eventos da tecnologia moderna já são uma realidade. Em outros, no entanto, o ritmo lento, embalado por costumes seculares, é a tônica do modo de vida.

Neste contexto, devemos considerar que vivemos, sob vários aspectos, um momento importante naquilo que diz respeito a questões ligadas ao uso, à conservação da biodiversidade e ao papel desempenhado pelos saberes tradicionais, agora requalificados como patrimônio cultural a serem respeitados. As comunidades remanescentes de quilombos do nordeste goiano, ainda hoje, se vêem dominadas e exploradas não só em relação à posse e domínio de seus territórios, mas também em seus conhecimentos, segundo atestam as práticas de pirataria biológica e a forma de instauração do mercado de recursos genéticos desfavorável a essas sociedades que se perpetuam na pobreza.

A visibilidade das comunidades tradicionais como agentes mediadores entre o moderno e o tradicional, quando se fala tanto na preservação dos ambientes já tão degradados, está na ordem do dia. A resignificação da biodiversidade e a utilização de produtos do cerrado fazem parte do interesse de uma gama imensa de atores sociais que, por razões conservacionistas ou capitalistas - desenvolvimentistas, entram no debate, tão atual, de uso dos recursos naturais. Hoje, as populações tradicionais e seus conhecimentos ancestrais são focos do interesse das indústrias de fármacos e produtos de beleza, das empresas ligadas ao ramo do lazer, dos setores voltados para preservação além de tantos outros. Neste contexto, é importante ressaltar que são estas comunidades as mais capacitadas para ajudar a promover e a manter a base de recursos de um bioma tão rico como cerrado, merecendo serem vistas com um novo olhar dentro dessa trama de poder.



Assim os conhecimentos, as inovações e práticas tradicionais levadas a efeito nestes territórios tidos como precários, se adequam e apontam para a necessidade da partilha igualitária das vantagens decorrentes dos seus recursos materiais e imateriais. As pesquisas com estas comunidades oferecem um campo fértil para trabalhos que buscam alternativas de exploração, conservação e apropriação de suas riquezas.

É importante não perdermos de vista o fato de que a busca por melhor qualidade de vida para estas populações é algo a ser perseguido, também, por aqueles que desenvolvem trabalhos de pesquisa junto a elas e que devem contribuir para que coexistam, convivam e mantenham a biodiversidade, protegendo seus conhecimentos e valorizando economicamente suas mercadorias.

Referências Bibliográficas

CLAVAL, Paul. As Abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORREA, R. L. *Explorações Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997.

BUTTNER, Anne. Apreendendo o Dinamismo do Mundo Vivido. In: CRISTOFOLETTI, Antonio (Orgs.) *Perspectiva da Geografia*. Rio Claro: DIFEL, 1994.

MARINHO, Thaís Alves. *Identidade e Territorialidade entre os Kalunga do Vão do Moleque*. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia – IESA – UFG. Goiânia, UFG, 2008.

NOGUÉ i FONT, Joan. El Paisaje existencial de cinco grupos de experiencia ambiental. Ensayo metodológico. In: BALLESTEROS, Aurora García (Ed.). *geografia y Humanismo*. Barcelona-Espanha: Oicos-tau, 1992.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

Recebido para publicação em outubro de 2009.
Aprovado para publicação em fevereiro de 2010.